

AERADAS GALINHAS

Na década de 40 Italiápolis foi chamada a Capital das Galinhas e não sem motivo, pois assistimos o milagre da multiplicação dos ovos num curto ciclo econômico.

Entusiasmo não faltou e muito menos as brincadeiras dos nossos principiantes avicultores com o malicioso lema, "viver do ovo e do pinto".

Neste começo do Século 21 Italiápolis já foi a Capital da Laranja e se prepara para ser a Capital da Pizza. Gostamos de títulos, coisas do nosso marketing caseiro e ninguém tem nada com isso.

No Tempo das Galinhas, o chamado 'período da galinha virgem', os galos perderam a hegemonia; nervosos tornaram-se abstêmios do sexo. Os granjeiros, zelosos pela virgindade de suas galinhas, não permitiam acasalamento. Uma 'trepada' de galo arruinaria a procedência do ovo.

A separação dos pintainhos machos, 'uma invenção japonesa', deu início à avicultura entre os paulistas. O pinto recém nascido levava um aperto, exibia o 'princípio

dos intestinos', expunha-se ao ridículo e pronto; às fêmeas, aplausos e para os machos, a morte.

Foi uma fase de assimilação rápida de novos costumes. Final da Grande Guerra, recuperação da liberdade, novos regimes, eleições democráticas, importação de tecnologia pós-guerra, coisas assim que Italiápolis começou a digerir com as suas fritadas e omeletes.

Os anos 40 foram difíceis. Sem farinha para o pão, comeu-se broa de fubá; sem o querosene para a lamparina, dormiu-se mais cedo; sem o sal e sem o açúcar, as mães se superaram graças aos velhos costumes e riqueza de imaginação.

Ovo não faltou e mantivemos o maior título até hoje conservado, a Capital da Fartura.

O líder do "sindicato" dos criadores de galinhas foi o Sr. Paschoal Politano, o pioneiro, figura despreendida que repassava das suas experiências de como lidar com as aves, das medidas profiláticas, do modo de se construir um galinheiro, dos poleiros, da ração e principalmente de como criar os pintainhos e embalar os ovos.

A produção crescente era exportada, via Estrada de Ferro, diretamente aos grandes centros consumidores e o assunto galináceo virou moda em todas as rodas de prosa. As aves, como tudo na época, eram 'made USA'; a Leghorn ou New Hampshire, brancas ou vermelhas.

As coitadas das galinhas caipiras, as da Zona Rural, foram desprezadas por serem más poedeiras e doidas por

galos. Mal punham uma dúzia de ovos e pronto, estavam chocas.

O galináceo do sítio foi motivo de zombaria. Os granjeiros só pensavam em pedigree, se é que se pode falar em galinha com pedigree, com anéis de metal pelas pernas e outras baboseiras.

As jovens italiapolitanas começaram a ganhar apelidos ao serem comparadas às aves, vultos de devaneios pelas suas poéticas plumagens. Febre alta, quase uma psicopatia. As loiras as 'leghorn', as morenas as 'new hampshire'.

Os nossos 'avicultores' perdiam o sono, deixavam as esposas na cama e sobressaltados permaneciam nos chamados 'pinteiros', com as suas 'criadeiras' aquecidas à base de carvão.

A Era das Galinhas foi um sonho, fogo de palha; em dois ou três anos a cidade chegou ao alarmante número de 300 criadores e da mesma maneira como cresceu, desapareceu. Restou o cheiro forte do esterco.

Ano Santo, 1950. O canto do galo voltou, voltaram os ovos galados, voltou a paz no terreiro e a bulha gostosa de nossas galinhas caipiras. O Palestra foi campeão e a Italiápolis prosseguiu com a sua Lavoura de Café.

Aborrecido, disse-nos uma noite o Sr. Lucilo Porto -
-- Aqui? nem fábrica de farinha de mandioca!